



Estudo das preposições 'para' e 'por' sob o viés da semântica argumentativa

Daniela Fátima Dal Pozzo

Universidade de Caxias do Sul

orcid.org/0000-0003-2344-5697

Resumo: Pensar o ensino e a aprendizagem de língua é desafiador, talvez mais ainda quando se pensa o ensino para falantes não nativos. Dentre as dificuldades apresentadas pelos estudantes, uma delas diz respeito à compreensão do sentido das preposições nos discursos, que, na maioria das vezes, são tratadas por um viés morfossintático. Diante disso, este estudo tem como objetivo: descrever e explicar a descrição das significações das preposições 'para' e 'por', a partir da Semântica Argumentativa, de Marion Carel e Oswald Ducrot, a fim de compreender os sentidos e usos dessas preposições no discurso. Trata-se de um estudo teórico, uma vez que se propõe à descrição e à explicação de significações das preposições 'para' e 'por', utilizando, apenas a título de exemplo, enunciados proferidos por estudantes meus de português como língua estrangeira. Com base nesta pesquisa, foi possível verificar que as preposições possuem uma argumentação interna (AI) associada ao discurso.

Palavras-chave: Preposições. Semântica Argumentativa. Argumentação interna. Sentido.

Estudio de las preposiciones 'para' y 'por' desde el enfoque de la Semántica Argumentativa

Resumen: Pensar en la enseñanza y el aprendizaje de la lengua es un desafío, tal vez aún más cuando se trata de enseñar a hablantes no nativos. Una de las dificultades tiene que ver con la comprensión del sentido de las preposiciones en los discursos, que, muchas veces, son tratadas desde un enfoque morfosintáctico. Este estudio busca describir y explicar las significaciones de las preposiciones 'para' y 'por', a partir de la Semántica Argumentativa de Marion Carel y Oswald Ducrot, para comprender los sentidos y usos de estas preposiciones en el discurso. Se trata de un estudio teórico, ya que se propone describir y explicar las significaciones de las preposiciones 'para' y 'por', utilizando, solo a modo de ejemplo, enunciados realizados por mis estudiantes de portugués como lengua extranjera. Con base en esta investigación, fue posible verificar que las preposiciones poseen una argumentación interna (AI) asociada al discurso.

Palabras clave: Preposiciones. Semántica Argumentativa. Argumentación interna. Sentido.

Study of the Prepositions 'para' and 'por' under the Lens of Argumentative Semantics

Abstract: Thinking about language teaching and learning is challenging, perhaps even more so when considering teaching for non-native speakers. Among the difficulties faced by students, one concerns the understanding of the meaning of prepositions in discourse, which are mostly treated from a morphosyntactic perspective. Therefore, this study aims to describe and explain the meanings of the prepositions 'para' and 'por', based on the Argumentative Semantics of Marion Carel and Oswald Ducrot, in order to understand the senses and uses of these prepositions in discourse. This is a theoretical study, as it seeks to describe and explain the meanings of 'para' and 'por' using, solely as an example, utterances made by my students of Portuguese as a foreign language. Based on this research, it was possible to verify that prepositions have an internal argumentation (IA) associated with discourse.

Keywords: Prepositions. Argumentative Semantics. Internal Argumentation. Meaning.

Introdução

Pensar o ensino e a aprendizagem de língua é desafiador, talvez mais ainda quando se pensa o ensino para falantes não nativos. Conforme consta no *Dicionário de termos linguísticos*, de Xavier e Mateus (1990, p. 230-231), o conceito de *língua estrangeira* é a “língua não nativa do sujeito por ele aprendida com maior ou menor grau de eficiência”. Esta não é, normalmente, a língua primeira de socialização, mas um outro idioma e uma outra cultura a serem aprendidos por diversos motivos, como por curiosidade, necessidade ou, até mesmo, por obrigação institucional.

Falar sobre ensino de língua estrangeira é complexo. Por vezes, em aula, os alunos questionam: “viajo **pelo** Brasil” ou “viajo **para** o Brasil”?; é “**para** amanhã” ou “**pela** manhã”? Depende. Depende do sentido que quer expressar. Compreender o funcionamento de outro idioma pode ser desafiador, dado que cada língua tem seu próprio modo de se organizar – muitas vezes, bem diferente do da língua materna.

Nesse ensino, muitas vezes, focamos muito em certas categorias linguísticas e esquecemos de outras, que também contribuem para a constituição do sentido, como as preposições. Dentre as dificuldades apresentadas pelos estudantes na aprendizagem de português como língua estrangeira (PLE), uma delas diz respeito à compreensão do sentido das preposições nos discursos. De modo geral, no ensino, são tratadas apenas como nomenclatura e classificação morfológica, exigindo do aprendiz, na maioria das vezes, somente memorização, e não a compreensão do sentido que elas produzem no discurso.

Ao buscar estudos que se voltam para as preposições e o sentido, percebe-se uma escassez de pesquisas sobre o tema. Dentre os estudos encontrados, cito alguns: *Gramaticalização e semanticização das preposições 'a' e 'para' no português brasileiro (séculos XIX e XX)*, de Kewitz (2007)¹; *Epistemologia cognitiva para o uso de preposições: o caso da preposição de*, de Santos (2007)²; a *Variação e gramaticalização no uso de preposições em contextos de verbos de movimento no português brasileiro*,

¹ KEWITZ, Verena. **Gramaticalização e semanticização das preposições 'a' e 'para' no português brasileiro (séculos XIX e XX)**. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-01122009-101905/pt-br.php>. Acesso em: 16 abr. 2021.

² SANTOS, Pedro Perini Frizzera da Mota. **Epistemologia cognitiva para o uso de preposições: o caso da preposição de**. 2007. 181 f. Tese (Doutorado) – Curso de Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-73WQXZ/1/tese1.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

de Wiedemer (2013)³; a *(Re)análise do infinitivo e da preposição “de” em português brasileiro*, de Machado (2019)⁴. Essas pesquisas abordam sobre as preposições num viés gramatical, não diretamente sobre a constituição do sentido.

Diante disso, é evidente a necessidade de estudos que considerem o aspecto semântico. Isso se torna essencial, já que o ensino de preposições, na maioria das vezes, tem como embasamento a gramática. Todavia, esse viés nem sempre dá conta das complexidades envolvidas (Lenarduzzi, 2012). Com isso, são necessários estudos alternativos, como o aqui proposto.

Este estudo surge a partir da minha vivência como professora de português para estrangeiros, tema que fez nascer minha tese de doutorado⁵. Não são raras as vezes que os alunos trocam a preposição, o que altera o sentido do que é dito. A título de exemplo, alguns dos meus alunos confundem ‘por’ e ‘para’ e, portanto, apresentam dificuldade em compreender o uso e sentido de cada uma dessas preposições, o que pode comprometer o sentido do que é dito, como, por exemplo, quando dizem “são problemas causados **para** o governo”, quando gostariam de ter dito “são problemas causados **pelo** governo”; ou “viajo **por** São Paulo”, quando gostariam de ter dito “viajo **para** São Paulo”.

Isso pode parecer “simples” para um falante nativo de português. Contudo, para um falante não nativo não o é. Se pensarmos no inglês, por exemplo, podemos apresentar dificuldades em compreender o uso e sentido de ‘to’ e de ‘for’ porque ora equivalem a ‘por’, ora a ‘para’. Em se pensando o ensino de língua, a repetição de nomenclaturas ou a significação do dicionário nem sempre abarcam o real uso da língua e as mais diferentes possibilidades de pôr a língua em uso.

Além disso, é preciso considerar que eles já possuem uma língua materna, então, no ensino, podem aparecer dificuldades diferentes das de um falante nativo justamente por conta das transferências que fazem ao compararem a língua materna com a língua-alvo. Saber essas diferenças auxilia a prática docente, dado que, ao ter

³ WIEDEMER, Marcos Luiz. **Variação e gramaticalização no uso de preposições em contextos de verbos de movimento no português brasileiro**. 2013. 248 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-73WQXZ>. Acesso em: 15 abr. 2021.

⁴ MACHADO, Daniel de Brito. **(Re)análise do infinitivo e da preposição “de” em português brasileiro**. 2019. 151 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37498>. Acesso em: 14 abr. 2021.

⁵ Este estudo é um recorte da tese intitulada *Educação e linguagem: aprendizagem das preposições ‘para’ e ‘por’ pelo viés da semântica argumentativa, com vistas ao ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAc)*.

amparo teórico, sabemos **como** (e **o que**) ensinar e podemos buscar estratégias pedagógicas. No caso das preposições, por exemplo, em se pensando um viés morfossintático, dizer que ‘para’ indica “movimento” e que ‘por’ indica “trajeto” pode não os ajudar tanto, porque, muitas vezes, no idioma nativo, como de árabes, turcos, existe apenas uma preposição que dá conta dos sentidos de ambas as preposições.

Diante disso, surge esta pesquisa, que tem como objetivo: descrever e explicar a descrição das significações das preposições ‘para’ e ‘por’, a partir da Semântica Argumentativa, de Marion Carel e Oswald Ducrot, a fim de compreender os sentidos e usos dessas preposições no discurso. Quanto à metodologia, trata-se de um estudo teórico, uma vez que se propõe à descrição e à explicação de significações das preposições ‘para’ e ‘por’, utilizando, apenas a título de exemplo, enunciados proferidos por estudantes meus de português para estrangeiros. Utilizo enunciados ouvidos em aula como exemplo, uma vez que eles contribuíram diretamente para o surgimento deste estudo.

Ao longo da minha prática docente, percebi que as preposições tendem a ser muito memorizadas ou estudadas a partir de classificação, o que vai ao encontro da aprendizagem mecânica, ou seja, memoriza-se, mas logo se esquece o que foi “aprendido” ou não se consegue transpor o que foi estudado para outros contextos discursivos (Moreira, 2011). Se não compreendemos o sentido delas, como poderemos usá-las em situações discursivas que não foram abordadas previamente?

Quanto à relevância deste estudo, como já mencionado, as preposições são mais complexas do que parecem e são primordiais para a constituição do sentido dos discursos orais ou escritos, entretanto, nem sempre ganham a devida importância. Usar uma preposição inadequada pode comprometer o sentido daquilo que é dito. Compreender o sentido e usos das preposições auxilia a aprimorar a interação em língua portuguesa, mas, também, auxilia os aprendizes a terem mais autonomia e criticidade justamente porque envolve melhorar habilidades de compreensão e interação.

Desse modo, neste estudo, assumo um viés semântico-argumentativo, pois parto do pressuposto de Oswald Ducrot (1990), de que a argumentação está na língua, isto é, a própria língua dá a orientação para a compreensão do discurso. Em

sendo as preposições parte da língua, também são essenciais para a compreensão do sentido do discurso.

Início, então, com uma reflexão sobre o viés gramatical, amplamente utilizado como base para o ensino de preposições, problematizando suas limitações e destacando a relevância de abordagens alternativas. Em seguida, aprofundo a discussão sobre a importância de estudos que considerem o aspecto semântico.

1 Preposição e gramática

O foco das gramáticas, em geral, é o morfossintático. Embora este estudo tenha como objetivo principal a abordagem semântica, apresento o que Cunha e Cintra (2017) descrevem sobre as preposições, dado que essa obra é amplamente reconhecida como referência no embasamento para o ensino de língua.

Como recorte, analiso as preposições ‘para’ e ‘por’, tanto devido à necessidade de delimitação do estudo quanto por serem frequentemente fonte de dificuldade para estudantes estrangeiros. Além disso, essas preposições são abordadas, em grande parte dos livros didáticos de ensino de língua, sob a ótica da gramática normativa.

Sobre ‘para’, tem-se que o valor dessa preposição é de:

Movimento = tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva. Distingue-se de *a* por comportar um traço significativo que implica maior destaque de partida com predominância da ideia de direção sobre a do término do movimento:

no espaço:

Agora, não lhe interessava ir **para** o Huamba. (Castro Soromenho, *TM*, 200.) [...]

no tempo:

Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, **para** o dia seguinte. (Machado de Assis, *OC*, II, 538.) [...]

na noção:

Deram-lhe o formulário **para** preencher à máquina e reconhecer a firma. (C. Drummond de Andrade, *CB*, 111.) [...] (Cunha e Cintra, 2017, p. 587, grifos dos autores).

Já no que diz respeito a ‘por’ (‘per’), conforme Cunha e Cintra (2017, p. 588-590, grifos dos autores), tem valor de:

Movimento = percurso de uma extensão entre limites, atrás de, duração:

no espaço:

Vai-se **por** aí devagarinho. (Coelho Netto, OS, I, 217.) [...]

no tempo:

Daqui **por** seis meses quero beber água dele. (Alves Redol, BC, 267.)

na noção:

Este lia os jornais, artigo **por** artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa. (Machado de Assis, OC, II 535.) [...]

Situação = resultado de movimento, de aproximação de um limite:

no espaço:

Por cima, delas, lá em cima, perto da lâmpada do teto, a cara fitava-me, atenta, sorrindo satisfeita. (L. B. Honwana, NMCT, 54.) [...]

no tempo:

Pelo crepúsculo, a chuva esmoreceu. (C. de Oliveira, CD, 169.)

na noção:

Volto-me **por** acaso. (U. Tavares Rodrigues, JE, 168.)

As indicações quanto ao valor das preposições são vagas; se pensarmos, pode-se usar ‘por’ para falar de situação no tempo, como “**pela** noite”, mas também se pode dizer “é **para** a noite”; ambas as preposições estão relacionadas com o tempo, mas quando usar uma e outra? Para um falante não nativo, isso é complexo. Ademais, os autores dissertam sobre cada preposição, não as comparando ou as diferenciando diretamente. Isso demonstra a importância de mais estudos envolvendo preposição, principalmente os que dizem respeito ao sentido delas.

Ao se pensar o ensino de língua para falantes não nativos, consoante Lenarduzzi (2012, p. 461, tradução minha)⁶, “a via das explicações puramente gramaticais dificilmente será completamente útil para o ensino de uma língua estrangeira, sendo necessário adotar outros critérios”. Qual é a diferença de “movimento”, a partir do viés morfossintático, em “Vou **para** o Senegal” e “Vou **pelo** Senegal”? Quão complexo é para um estrangeiro entender essa diferença? O que muda quando se diz “**Por** seis meses” e “**Para** seis meses”? Até que ponto dizer que há uma diferença de movimento ou de tempo é suficiente?

É considerando isso que surge este estudo, que pensa nas preposições por um outro viés que não o gramatical: o semântico. Para isso, inicio dissertando acerca da

⁶ Do original: “la vía de las explicaciones puramente gramaticales dificilmente será completamente útil a la hora de enseñar una lengua extranjera, que es necesario adoptar otros criterios” (Lenarduzzi, 2012, p. 461).

Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), que embasa esta pesquisa para pensar o sentido das preposições.

2 Teoria dos Blocos Semânticos (TBS)

A Semântica Argumentativa (SA)⁷ ou Teoria da Argumentação na Língua (TAL), surgiu no final dos anos 1970⁸, com dois linguistas franceses, Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre; atualmente, é desenvolvida por Marion Carel (2005; 2017)⁹. Ela se origina da busca por descrever a língua pela língua, o que a faz ser uma teoria linguística, dado que considera as inter-relações linguísticas (Barbisan, 2013). Essa Teoria propõe que o sentido está no discurso, em decorrência disso, visa a explicar e descrever como se constitui a significação de entidades linguísticas, isto é, de palavras e enunciados atualizados no enunciado/discurso.

Cabe dizer que a SA¹⁰, em sua análise, não considera o extralinguístico – o que vai para além do linguístico. Isso não significa que essa Teoria negue a existência do extralinguístico, apenas que não é o foco desse campo de estudo. Conforme Barbisan (2013, p. 21): “Não se trata, pois, de estudar a relação entre o sentido de uma palavra e a informação que a palavra dá sobre a realidade extralinguística, nem sobre uma realidade psicológica, nem sobre condição de verdade”. Trata-se de compreender a constituição do sentido do discurso, por isso a escolha dessa Teoria para trabalhar com o sentido das preposições no discurso.

⁷ A Semântica Argumentativa está em constante desenvolvimento. Neste estudo, trabalho com a fase *standard* porque ela dá conta do que é proposto neste estudo. No entanto, caso o leitor tenha interesse em saber mais sobre a fase atual, eis algumas sugestões de leitura: CAREL, Marion. Significação e argumentação. **Signo**, Santa Cruz do Sul, n. 42, v. 73, 02-20, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/signo.v42i73.8579>. Acesso em: 28 abr. 2024. E BEHE, Louise; CAREL, Marion; DENUÇ, Corentin; MACHADO, Julio Cesar (orgs.). **Curso de semântica argumentativa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 516 p.

⁸ Começou com os trabalhos de Anscombre e Ducrot, principalmente com a obra *L'Argumentation dans la langue* (1977).

⁹ A Semântica Argumentativa (SA) é constituída pela Teoria dos *Topoi* (já refutada); pela Teoria da Polifonia (TAP) e pela Teoria os Blocos Semânticos (TBS), fase *standard* e atual (Carel, 2007). Carel, em 1992, defendeu sua tese de doutorado, pesquisa na qual refutou os *topoi* e propôs a TBS (Ducrot, 2005; Gomes, 2020).

¹⁰ Em seus textos, Ducrot (1990; 2005) menciona diversos autores que o influenciaram e o inspiraram. Porém, aqui destaco dois em especial: Ferdinand de Saussure – com o *valor linguístico* –, e Platão – com a *alteridade* –, conceitos de base do desenvolvimento da SA para pensar a língua pela língua.

Segundo a TBS, as entidades linguísticas¹¹ evocam encadeamentos argumentativos¹², os quais constituem o sentido dessas entidades, como de palavras, enunciados e discursos. Os encadeamentos são constituídos por dois segmentos unidos por um conector¹³, sendo esta a fórmula: X conector Y (Ducrot, 2005). É dessa relação que a argumentação se constitui. Consoante Flores *et al.* (2009, p. 228), na TBS, “o sentido se constrói pela totalidade dos sentidos dos segmentos que constituem o encadeamento argumentativo”.

Quanto à união de dois segmentos por um conector, este poder ser do tipo *DONC* (DC) (equivalente a *portanto* e expressa um aspecto normativo, no sentido de seguir a norma da língua), podendo ou não ser acrescido de negação; ou do tipo de *POURTANT* (PT) (que equivale a *no entanto* e, com isso, expressa um aspecto transgressivo, isto é, vai contra a norma), com ou sem negação (Ducrot, 2005).

Conforme Delanoy (2012, p. 50, grifo do autor), o aspecto normativo “é a afirmação da norma e o transgressivo em *no entanto* (PT), a sua negação”. Ainda, o autor elucida: “Chamamos a atenção para o fato de que, no âmbito da TBS, norma e transgressão são de caráter discursivo, isto é, são inerentes ao próprio discurso. Portanto, não representam ideologias, crenças, comportamentos, etc., que são exteriores à língua” (Delanoy, 2012, p. 50).

Voltando aos conectores, não necessariamente estão explícitos nos enunciados e discursos, podendo ser expressados por outras palavras ou expressões, tanto é que o uso de “do tipo de”, pelos autores, expressa, justamente, que os conectores *DONC* e *POURTANT* podem ser atualizados, no discurso, por outros conectores que expressam essa mesma relação, dado que são entidades abstratas que visam a explicar o que ocorre no nível concreto. Por exemplo, *assim*, *portanto*, *então*, do português, são equivalentes do conector DC, enquanto *no entanto*, *entretanto*, *porém* equivalem a PT (Ducrot, 2005).

Enunciados e discursos evocam encadeamentos argumentativos do tipo normativo ou transgressivo, respectivamente, *DONC* (DC) e *POURTANT* (PT).

¹¹ *Entidade linguística* é compreendida “como palavra ou expressão atualizada no discurso/enunciado” (Flores *et al.* 2009, p. 51).

¹² Flores *et al.* (2009, p. 50) define como sendo a: “Operação semântico-discursiva em que o sentido de uma entidade é construído a partir da interdependência entre os dois segmentos do enunciado argumentativo”.

¹³ *Conector*, como o *donc* e *pourtant*, diz respeito a uma entidade abstrata, ou seja, é uma entidade teórica que representa os articuladores; já estes são palavras lexicais, como *portanto*, *então*, *no entanto*, *entretanto* e seus equivalentes, as quais articulam segmentos de enunciado/discurso (Flores *et al.*, 2009).

Conforme Ducrot (2005), palavras também evocam encadeamentos, os quais constituem o sentido dessas entidades lexicais. Aos encadeamentos argumentativos que lhe estão associados pela língua chamamos de *argumentação interna* (AI). Porém, o mestre diferencia as palavras da língua em *plenas* e *instrumentais*, pois, segundo ele, somente algumas palavras podem ter encadeamentos argumentativos evocados.

De acordo com Ducrot (2002; 2005), *palavras plenas* são aquelas em que se pode associar uma AI, melhor dizendo, aquelas que evocam discursos argumentativos; já as *instrumentais* são “aquelas às quais não queremos ou não podemos associar um conjunto específico de aspectos e de discursos” (Ducrot, 2005, p. 166, tradução minha)¹⁴, como as conjunções, preposições e advérbios. Consoante esse viés, são instrumentais as palavras às quais não é possível associar-lhes um encadeamento específico; “seu valor semântico se define na relação com discursos que não estão diretamente associados a ela” (Ducrot, 2005, p. 166, tradução minha)¹⁵. Fazem parte das palavras instrumentais os conectores (*donc* e *pourtant*), entidades teóricas; articuladores (mas, porém, embora, contudo etc.); e os operadores, os quais se dividem em modificadores (pouco, um pouco, muito) e internalizadores (empregos de demais, em vão).

Ducrot (2002, p. 11) diz que: “Entendemos por ‘operador’ uma palavra Y que, aplicada a uma palavra X, produz um sintagma XY cujo sentido é constituído de aspectos contendo só as palavras plenas já presentes na AI [...] de X”. Retomando, a argumentação interna (AI) “de uma entidade e”¹⁶ é constituída por um certo número de aspectos os quais pertencem aos encadeamentos que parafraseiam essa *entidade e*” (Ducrot, 2005, p. 64, grifo do autor, tradução minha)¹⁷.

Cabe esclarecer que não se trata de associar propriedades, coisas ou ideias às palavras, o que seria incoerente com a teoria aqui usada como base, a SA; consiste, na verdade, “em associar-lhe outras palavras” (Carel, 2009, p. 26). Ou seja, ao descrever a argumentação de uma palavra, poder-se-á contribuir para a descrição do

¹⁴ Do original: “de una entidad e está constituida por um certo número de aspectos a los que pertenecen los encadenamientos que parafrasean esta entidad e” (Ducrot, 2005, p. 64, grifo do autor).

¹⁵ Do original: “que su valor semántico se define en relación con discursos que no están directamente asociados a ella” (Ducrot, 2005, p. 166).

¹⁶ *Entidade* é entendida como uma entidade lexical, a qual designa palavras e/ou expressões atualizadas no discurso (Flores *et al.*, 2009).

¹⁷ Do original: “de una entidad e está constituida por um certo número de aspectos a los que pertenecen los encadenamientos que parafrasean esta entidad e” (Ducrot, 2005, p. 64, grifo do autor).

sentido dos enunciados em que essa entidade está inserida. É o que busco fazer ao pensar a AI das preposições, analisando-as em enunciados, para poder auxiliar os estudantes a compreendê-las.

Vamos a um exemplo de AI: quando meus alunos chegam atrasados, ao entrarem na aula, dizem: “Desculpa pelo atraso, professora”. Pensemos na AI de ‘atraso’. Se teve atraso, é porque, nesse caso, o aluno chegou depois do horário. A AI evocada poderia ser:

horário marcado PT Neg-pontualidade

Ou seja, o atraso decorreu de o aluno ter um horário para estar na aula, entretanto, comparece algum tempo depois do horário marcado, não sendo pontual.

Recapitulando o que foi dito, é no discurso, em oposição às demais palavras desse discurso que o sentido de uma palavra se constitui. Sendo assim, o sentido é sempre único. É no emprego, na atualização de uma palavra que seu valor se constitui. Consoante Ducrot (2005, p. 77, tradução minha)¹⁸: “Uma das grandes liberdades que nos dá o discurso consiste, então, em poder atribuir às palavras o sentido que desejamos dar a elas”, ou seja, nós escolhemos e organizamos os termos conforme as possibilidades e impossibilidades da língua. Passemos, então, a pensar as preposições sob o viés semântico.

3 Preposições e argumentação interna (AI)

Falar sobre a língua é uma tarefa complexa, sobretudo porque a utilizamos tanto como objeto de estudo quanto como meio para dissertar acerca desse próprio objeto. As preposições são parte integrante da língua. Usamo-las, ensinamo-las, mas, ainda assim, explicá-las e descrevê-las permanece um desafio. É isso que busco fazer. Para a análise, apoio-me em diversos autores, inclusive em estudiosos que não são diretamente ligados à Semântica Argumentativa (SA), mas que abordam as preposições para além de aspectos morfossintáticos. Dialogo com esses autores, porém, procuro manter-me fiel à SA, ou seja, ao princípio de analisar a língua a partir da própria língua.

¹⁸ Do original: “Una de las grandes liberdades que nos da el discurso consiste así en poder atribuir a las palabras el sentido que deseamos darles” (Ducrot, 2005, p. 77).

A partir da minha prática como professora, afirmo que essas dificuldades de compreensão do sentido e do uso das preposições se apresentam mesmo quando os idiomas são semelhantes – inclusive, falantes nativos apresentam dificuldades quanto à compreensão e uso de muitas preposições – como é o caso do português, espanhol, italiano. Conforme Lenarduzzi (2012), ao analisar contrastes entre as preposições do espanhol e do italiano¹⁹, o autor fala da dificuldade que é compreender o funcionamento delas dentro de cada língua, dizendo que:

Se tivermos em conta que as preposições são palavrinhas curtas, sem um conteúdo lexical “forte”, cujo significado é quase sempre ocasional, é fácil compreender as dificuldades que acarretam no estudo de uma língua estrangeira; especialmente se pensarmos que a transferência desempenha um papel determinante no processo de aprendizagem (Lenarduzzi, 2012, p. 453, tradução minha)²⁰.

Por mais que o autor não aborde as preposições do português, o estudo dele é interessante, pois compara construções do espanhol e do italiano. De acordo com o autor, enquanto em espanhol se usa a conjunção ‘que’, em italiano se usa a preposição ‘de’, como nos exemplos por ele dado:

“Roberto ya está más alto **que** su padre.

Roberto ormai è più alto **di** suo padre” (Lenarduzzi, 2012, p. 459, grifos meus)²¹.

Pode ser uma questão sintática, mas é preciso considerar essas particularidades no ensino de língua estrangeira, porque o estudante, normalmente, transfere o conhecimento da própria língua para a língua-alvo. Como mencionado, embora o autor não compare o português ao espanhol ou ao italiano, e **considerando a escassez de pesquisas voltados sobre o sentido das preposições na língua portuguesa**, penso que esse estudo pode dialogar significativamente com esta pesquisa.

O linguista italiano ainda alega que:

¹⁹ Devido à escassez de estudos sobre preposições em português, principalmente quanto ao sentido, utilizo o de Lenarduzzi (2012), por mais que ele compare o espanhol ao italiano, porque ele faz considerações pertinentes sobre o tema.

²⁰ Do original: “Si tenemos en cuenta que las preposiciones son palabritas breves, sin un contenido léxico “fuerte”, cuyo significado es casi siempre ocasional, se comprende fácilmente las dificultades que éstas acarrear en el estudio de una lengua extranjera; sobre todo si se piensa que la transferencia juega un papel determinante en el proceso de aprendizaje” (Lenarduzzi, 2012, p. 453).

²¹ Não traduzo os exemplos, porque o autor está fazendo uma comparação entre dois idiomas.

Essa diferença no funcionamento dos códigos resulta no uso de preposições diferentes em uma língua e outra; diferenças que são motivo de interferência e, dado o alto índice de uso dessas estruturas com referencialidade locativa, podem ser causa de fossilização de erros na aprendizagem. **Tudo o que foi dito até aqui leva a suspeitar, mais uma vez, que a via das explicações puramente gramaticais dificilmente será completamente útil para o ensino de uma língua estrangeira, sendo necessário adotar outros critérios.** Não se está propondo, contudo, eliminar a reflexão metalingüística de forma radical, como pretendiam fazer os métodos chamados ‘naturais’, ‘globais’ e ‘estruturais’; ao contrário, a reflexão metalingüística deve empenhar-se, sobretudo, em servir como um instrumento crítico de análise que permita uma autonomia de aprendizado, um olhar atento e acurado sobre os fenômenos da linguagem, para, assim, superar os efeitos negativos dessa transferência ingênua que os estudantes realizam a partir da competência lingüística de sua língua materna (Lenarduzzi, 2012, p. 461, grifos meus, tradução minha)²².

É comum fazer essa transferência que o autor cita, justamente porque tomamos como base nosso idioma nativo, o funcionamento dele, transferimos o que sabemos para o idioma a ser aprendido. Requer estudo, prática e tempo. Aqui cabe problematizar: como um falante nativo, na maioria das vezes, entende o funcionamento do seu próprio idioma, mas apresenta dificuldades em compreender a organização e o funcionamento de um idioma não nativo? Respaldo-me em Gomes para responder a essa questão:

Como se pode depreender a partir dessas lições saussurianas, desde os quinze ou dezesseis anos, um falante nativo de uma língua já sabe o que está contido em milhares de palavras e, com isso, já tem as devidas condições de combiná-las adequadamente, em diferentes situações. Isso também provém do fato de o falante estar exposto, desde o seu nascimento, ao uso corrente da língua. A coletividade lingüística é, em vista disso, necessária para que os valores que constituem o sistema lingüístico sejam estabelecidos, já que é somente no uso e no consenso geral que eles são fixados. No limite, o compartilhamento dos signos e das regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) pelos falantes somente é possível [...] porque o signo é arbitrário. Aliás, sem esse fenômeno

²² Do original: “Esta diferencia en el funcionamiento de los códigos da lugar al uso de preposiciones diferentes en una lengua y otra; diferencias que son motivo de interferencia y, dado el alto índice de uso de estas estructuras con referencialidad locativa, puede ser causa de fosilización de errores en el aprendizaje. Todo lo dicho hasta aquí deja sospechar, una vez más, que la vía de las explicaciones puramente gramaticales dificilmente será completamente útil a la hora de enseñar una lengua extranjera, que es necesario adoptar otros criterios. No se está proponiendo, sin embargo, eliminar la reflexión metalingüística de manera radical, como pretendieron hacerlo los métodos llamados ‘naturales’ ‘globales’ y ‘estructurales’; sino que la reflexión metalingüística debe empeñarse, sobre todo, en servir como instrumento crítico de análisis que permita una autonomía de aprendizaje, una mirada atenta y aguda a los fenómenos del lenguaje, para superar así los efectos negativos de esa transferencia ingenua que los estudiantes realizan a partir de la competencia lingüística de su lengua materna” (Lenarduzzi, 2012, p. 461).

indispensável do arbitrário-compartilhado, língua nenhuma poderia existir (Gomes, 2020, p. 53, grifos meus).

Como o linguista brasileiro cita, por estar imerso num sistema linguístico, o nativo já sabe como combinar palavras, o que está contido em cada uma, e isso decorre de estar exposto a esse idioma, ajudando-o a compreender o funcionamento desse sistema e a usá-lo. Já um falante não nativo – uso, aqui, como exemplo, meus alunos, que já são adultos e que começaram a aprender português depois dos 20 anos – vive esse idioma e precisa usá-lo para estar em sociedade, mas não têm a vivência desde a tenra idade. Vale esclarecer que falantes nativos também apresentam dificuldade quanto ao uso do próprio idioma, mas, aqui, trago como foco estrangeiros, por conta da minha área de atuação que deu origem a este estudo.

Parece simples, mas, quando se aprende um idioma, é inevitável não o comparar com o idioma nativo ou deixar de tomar como base o próprio idioma e suas regras e não querer simplesmente “traduzi-las” para a nova língua estudada. Cada língua é única, possibilitando ou não certas construções. Eis uns dos maiores desafios do ensino de língua para estrangeiros²³: tornar isso compreensível para esse outro, para esse estrangeiro, compreender que o óbvio para mim não é óbvio para o outro; e nesse caminho, a frustração aparece muitas vezes: “será que vou conseguir compreender isso?”; “essas diferenças não fazem sentido para mim”; “no meu idioma só tem uma palavra para representar isso”. Enunciados esses ditos muitas vezes pelos estudantes.

No ensino de português para estrangeiros, o fundamental é entender e ser compreendido, quer oralmente, quer por escrito. O estudante precisa compreender o funcionamento dessa língua, compreender o sentido do uso de uma preposição ou outra, uma palavra ou outra, porque vai interferir no sentido do todo, já que nada é isolado na língua, tudo se inter-relaciona; significa compreender o funcionamento, as possibilidades e restrições impostas pela própria língua (Ducrot, 2005).

Uma das abordagens em relação às preposições é que elas são classificadas semanticamente com base na palavra que introduzem, como afirma La Calle (1983, p. 186, tradução minha)²⁴: “As preposições são classificadas, semanticamente, não pelo

²³ Refiro-me a qualquer pessoa não nativa de português, por isso uso o termo “estrangeiro”.

²⁴ Do original: “Las preposiciones se clasifican, semánticamente, no por su propio contenido, sino el de la palabra que las introduce. Y la preposición sólo puede llegar a reforzar el significado de dicha palabra” (La Calle, 1983, p. 186).

seu próprio conteúdo, mas pelo da palavra que as introduz. E a preposição só pode vir a reforçar o significado da referida palavra”.

Defendo que as preposições podem ser analisadas, no enunciado/discurso, a partir da *argumentação interna* (AI). Para embasar essa concepção, parto de Lenarduzzi (2012), que compara a gramática do espanhol à do italiano, o que também pode servir para o português e outras línguas:

Se, quanto às definições, ambas as gramáticas coincidem grosso modo, no momento de estabelecer taxonomias, a classificação das preposições na gramática italiana se baseia em critérios morfosintáticos, enquanto no espanhol, preferiu-se seguir critérios semânticos, e fala-se assim de preposições **plenas** e **vazias**. As primeiras apresentam um conteúdo semântico “forte”, as outras seriam simplesmente marcas de tipo funcional, como a preposição *a* antes do objeto direto, as preposições regidas pelo verbo, a preposição *de* antes de certos sintagmas nominais. Por outro lado, também teve bastante divulgação o critério semântico que aponta os âmbitos de tipo locativo, temporal e nocional quanto aos conteúdos semânticos dessas partículas (Lenarduzzi, 2012, p. 454, grifos do autor, tradução minha)²⁵.

Início, então, argumentando o porquê de crer que as preposições podem, sim, ter uma AI no enunciado ou discurso. Posso ter um enunciado ou discurso parecidos, exceto pela preposição que se diferencia, e o encadeamento evocado será diverso em cada uma. Para exemplificar isso, cito um exemplo real de um aluno meu que proferiu o enunciado (1), quando, na verdade, queria dizer o (3).

Em uma aula, um estudante que mora no Brasil me contava sobre a data da próxima viagem ao seu país de origem, Senegal, quando disse:

(1) Viajo **pelo** Senegal

No momento da enunciação, ele não se encontrava no Senegal, mas, sim, no Brasil, e queria dizer que iria para aquele país, considerando o contexto discursivo. Mas será que em (1) foi isso que ele enunciou? Vejamos: se estou caminhando com

²⁵ Do original: “Si en cuanto a las definiciones ambas gramáticas grosso modo coinciden, a la hora de establecer taxonomías, la clasificación de las preposiciones en la gramática italiana se apoya en criterios morfosintáticos, mientras que en español, se ha preferido seguir criterios semánticos y se habla así de preposiciones **plenas** y **vacías**. Las primeras presentan un contenido semántico ‘fuerte’, las otras serían simplemente marcas de tipo funcionales, como la preposición *a* ante CD, las preposiciones regidas por el verbo, la preposición *de* ante ciertos sintagmas nominales. Por otro lado, también ha tenido bastante divulgación el criterio semántico que señala los ámbitos de tipo locativo, temporal y nocional en cuanto a los contenidos semánticos de estas partículas” (Lenarduzzi, 2012, 454, grifos do autor).

uma criança, porém, ela está caminhando na rua, não na calçada, temendo a segurança dela, falo:

(2) Vá **pela** calçada

‘pela’, em (2), fala do trajeto a ser usado para fazer um deslocamento, assim como em (1). Os exemplos são diferentes, mas possuem a mesma preposição. Ao enunciar (1), o aluno não disse o que ele achou que tinha dito, talvez por não compreender a diferença que cada preposição evoca. Para um falante nativo, fica um pouco mais fácil – “um pouco”, porque nós não estamos isentos de apresentar dificuldades em relação às preposições – compreender as diferenças, saber qual preposição usar, porque ele está mais familiarizado com o funcionamento da língua.

Retomando o exemplo (1), o que meu aluno queria dizer necessitava do uso do ‘para’:

(3) Viajo **para** o Senegal

Em (3), o ‘para’ evoca o sentido de *deslocar-se de um ponto a outro*, portanto, de *dirigir-se a um destino*, como quando estou fora de casa e quero retornar a ela e afirmo:

(4) Vou **para** casa

Em (4), se menciono que vou para casa, é porque não me encontro na minha casa e preciso *deslocar-me* para chegar ao meu *destino*. Em ambos os exemplos a preposição evoca uma mesma argumentação.

Voltemos aos exemplos (1) e (3):

(1) Viajo **pelo** Senegal

(3) Viajo **para** o Senegal

Isso de pensar sobre o valor semântico das preposições surgiu a partir de uma aula, em que, ao pensar na diferença de sentido de uma preposição para outra, vi que enunciados semelhantes (exceto pela preposição) evocavam o mesmo bloco semântico²⁶, embora tivessem sentidos diferentes, como em:

(1.a) Estou feliz, pois viajo **pelo** Senegal

²⁶ Pela inter-relação das partes, temos uma interdependência semântica, formando, desse modo, um *bloco semântico*, conforme afirmam Carel e Ducrot (2005).

(3.a) Estou feliz, pois viajo **para** o Senegal

Em ambos, o encadeamento evocado é o de:

viagem DC felicidade

Por mais que sejam consideradas palavras gramaticais ou “vazias”, no enunciado ou no discurso as preposições podem ter uma argumentação interna (AI).

Voltemos ao exemplo (1) para pensar a AI.

(1) Viajo **pelo** Senegal

Se uma pessoa vai viajar pela Itália, por exemplo, de Norte a Sul, é porque vai *percorrer* o país, *deslocando-se* por ele para conhecer cidades. A AI poderia ser assim representada:

AI de ‘**pelo**’: deslocamento DC percurso

Poderíamos trocar “viajo” por “vou” e o encadeamento permaneceria o mesmo, ou seja, há uma repetição, por mais que o verbo seja diferente²⁷. Já em:

(3) Viajo **para** o Senegal

“para” dá a entender que o sentido é de *deslocar-se* para o *destino* citado, assim como em “vou para casa”. Tanto “Senegal” como “casa”, precedidos por “para” dão a entender que é preciso pensar em *deslocamento* e *destino*. Podemos descrever a AI assim:

AI de ‘**para**’: deslocamento DC destino

Novamente, também poderíamos substituir “viajo” por “vou” e teríamos o mesmo encadeamento atualizado, o de *deslocamento DC destino*. Ou seja, há uma repetição por mais que se troque o verbo.

Apesar de toda a questão de regência e classificação gramatical, neste estudo, foco principalmente na dimensão semântica, pensando em como isso pode auxiliar os estudantes a compreenderem essa diferença, pois só o olhar gramatical não é suficiente (Lenarduzzi, 2012).

²⁷ Como esclarecerei mais adiante, “pelo” pode evocar um outro encadeamento num contexto discursivo diferente, conforme exemplos (5) e (5.1).

Agora, se meu aluno trabalhasse para o governo senegalês e dissesse que viajaria para outro local representando esse país, poderia enunciar a mesma frase (refiro-me à estrutura de nível abstrato de (1) – *Viajo **pelo** Senegal*), porém, com sentido diferente ao ser atualizada:

(5) Viajo **pelo** Senegal

sei que em (5) o sentido não é mais de *deslocamento DC percurso* como em (1). Mas o de fazer uma viagem *em nome de* uma instituição, nesse caso, o governo, para *representá-lo*. É a partir das relações e do contexto enunciativo que entendo essa diferença e qual o sentido produzido. Logo, temos:

AI de ‘**por**’: no lugar de/em nome de DC representando

Em (5), poderia até ser acrescido do local do destino para esclarecer melhor essa distinção, como em:

(5.1) Viajo **pelo** Senegal **para** o Brasil²⁸

Isso me leva a crer que as preposições possuem uma argumentação interna, a qual podemos **prever** a partir dos usos, uma vez que se entende o que já está contido nas palavras em decorrência de nós usuários nativos de uma língua estarmos expostos a ela (Gomes, 2022). Todavia, como mencionado, isso não significa que todos os nativos as usem perfeitamente e não apresentem dificuldades.

Analisemos mais exemplos para entender a argumentação das preposições. Consideremos o contexto discursivo em que uma pessoa está viajando uma semana e lhe perguntam quando ela volta. Ela responde:

(6) Volto **para** casa amanhã

Se a pessoa não está em casa e fala “volto”, então é porque ela não se encontra ainda no *destino*, ou seja, precisa *deslocar-se* para atingi-lo. Embora sejam enunciados diferentes dos apresentados anteriormente, o encadeamento evocado é semelhante ao de (3), havendo uma repetição do encadeamento:

AI de ‘**para**’: deslocamento DC destino

²⁸ Este é um exemplo real: um aluno que, na época, trabalhava para o governo senegalês, afirmou que viajaria ao Brasil em representação do governo. Contudo, não sabia se poderia usar “pelo” e me questionou sobre isso em aula.

Essa argumentação interna (AI) não vem do nada, até porque eu estaria contrariando a Teoria que sigo, uma vez que é necessário analisar a relação dos termos no enunciado/discurso para a constituição do sentido e assim poder descrever a significação da preposição em questão. Assim como Carel (2017), acredito que a significação prevê o sentido das palavras levando em conta usos anteriores da língua. Logo, o uso das preposições, em diversos contextos enunciativos, faz com que seja possível descrever sua AI, com isso, sei que posso falar “viajo x Brasil” e completar com a preposição que vai conferir o sentido desejado ao enunciado.

É essa mesma significação que me permite compreender as diferenças das duas preposições num mesmo enunciado e saber usá-las, o que confunde muito meus estudantes. Trago, agora, um exemplo com ambas preposições juntas para mostrar como a significação é, de certa maneira, estável. Suponhamos que eu vá do Rio de Janeiro para São Paulo de carro e queira contar isso a um amigo. Sei que o percurso mais comum é pegar a Rodovia Presidente Dutra, a famosa BR-116. Então alego:

(7) Eu viajo **para** São Paulo **pela** BR

Em (7), ao analisar ‘para’, **temos a mesma significação de (3)**, em que se “viajo para São Paulo”, há um *deslocamento* para que eu chegue ao meu *destino*, portanto:

AI de ‘**para**’: deslocamento DC destino

Já ‘pela’ indica o caminho a ser *percorrido* nesse *deslocamento*. A AI pode ser assim descrita:

AI de ‘**pela**’: deslocamento DC percurso

Essas significações estão contidas no sistema da língua, assim como nos exemplos anteriores.

Cabe destacar que não é apenas essa significação que se faz presente em ‘para’ e ‘por’. Ao analisar outros exemplos, percebemos que a significação muda. Consideremos que eu estou aguardando uma resposta de minha irmã, porque enviei-lhe uma mensagem de manhã, porém entardeceu e eu não obtive resposta. Ligo para ela e falo:

(8) Escrevi uma mensagem de texto **para** você

Se a mensagem foi enviada para ela, então é *dirigida a* alguém, logo tem um destinatário, que é minha irmã. Eis o encadeamento evocado:

AI de **‘para’**: dirigida DC destinada

Todavia, em se pensando o ensino de português para não nativos, não raras vezes ouço enunciados desse tipo sendo proferidos com ‘por’ no lugar de ‘para’, o que muda o sentido, como em:

(9) Escrevi uma mensagem de texto **por** você

Diferentemente de (8), em (9) é preciso considerar que, ao escrever uma mensagem “por alguém”, provavelmente essa pessoa não pôde ou não conseguiu fazê-lo, então pediu ajuda, e outra pessoa escreve a mensagem em seu lugar, auxiliando-a. Como AI teríamos:

AI de **‘por’**: no lugar de alguém DC auxílio

Consideremos que o que precede e sucede as preposições em (8) e (9) é igual no nível de frase, dado que enunciados são sempre únicos e irrepetíveis. No entanto, o uso de uma ou outra preposição leva a uma argumentação diferente. Isso nem sempre é óbvio; pelo contrário, é muito complexo, em especial para usuários não nativos de português, justamente porque estão aprendendo uma outra língua com regras próprias.

Enquanto (8) poderia ser dita em um contexto enunciativo em que quero alertar alguém de que estou aguardando uma resposta e, por isso, informo que mandei uma mensagem, (9) poderia ser proferida em um contexto enunciativo em que eu escrevo uma mensagem no lugar de outra pessoa que não consegue ou não pode fazer isso. É o caso do meu pai, por exemplo, que tem uma certa dificuldade em escrever no celular e me pede para escrever mensagens **por** ele.

Voltando aos falantes não nativos de português, por mais que a intenção seja dizer (8), a troca de uma preposição pode alterar o sentido daquilo que é falado.

As mesmas AI de (8) e (9) **se repetem** em contextos enunciativos do tipo:

(10) Vendo seu carro **para** você*²⁹

(11) Vendo seu carro **por** você

Para um falante nativo é mais difícil de fazer uma construção assim e pode até estranhar o exemplo (10), porém, para um usuário não nativo da língua portuguesa é mais comum. Ou seja, um aluno estrangeiro poderia muito bem dizer (10) achando que o sentido daquilo que disse seria o de (11). Se estou à procura de um carro e vou a uma concessionária e enuncio (10), é no sentido de que vão me vender o carro que já é meu, o que não faria sentido. Já em (11), se tenho um carro e quero vendê-lo, então a concessionária o vende *no meu lugar*, com isso, não preciso me preocupar com a venda porque tenho *auxílio* para a venda.

Considerando (11), a AI de *para* pode ser assim descrita:

AI de '**por**': no lugar de alguém DC auxílio

Essa AI assemelha-se ao encadeamento do exemplo (9), que retomo aqui:

(9) Escrevi uma mensagem de texto **por** você

cujo encadeamento é: no lugar de alguém DC auxílio

Voltando a (11), '**por**' evoca o encadeamento de fazer algo *no lugar de outra pessoa, auxiliando-a*, por isso tem-se:

AI de '**por**': no lugar de alguém DC auxílio

Logo, tanto (9) quanto (11) têm o mesmo encadeamento, por mais que os exemplos não sejam iguais e tenham sentidos diferentes. Isso ocorre por conta da preposição.

Esses são clássicos exemplos que aparecem nas aulas de português como língua estrangeira. Entender o funcionamento sistêmico de uma outra língua é desafiante. Além da diferença entre as línguas, há, inclusive diferenças no sistema de escrita, como os falantes de árabe, que em alguns casos não são alfabetizados no próprio idioma, então só sabem a língua oral. Tudo isso implica no processo de ensino e de aprendizagem de língua.

²⁹ O asterisco é para marcar uma construção que dificilmente um usuário nativo da língua faria, todavia, que pode ser realizada com mais facilidade por um aprendiz de português como língua estrangeira.

Retornando aos exemplos, em uma aula, um aluno estava falando sobre os problemas que seu país enfrentava, problemas esse que o motivaram a se mudar para o Brasil, quando disse:

(12) São problemas causados **para** o governo

Ao dizer esse enunciado, fiquei pensando no uso da preposição e no sentido que ele desejava, considerando o contexto discursivo, que era o de criticar o governo do país, porém, tinha dito algo completamente diferente.

Vamos à análise. Vou tentar encontrar a significação de *para*; em (12), entende-se que se busca *causar algo* (problemas) para atingir um *alvo* (governo), a preposição faz a intermediação entre a *causa* e o *alvo*, ou seja, quem vai ser atingido. Temos:

AI de '**para**': problema causado DC alvo

Poderíamos parafrasear, a partir da AI, o mesmo enunciado por: “o governo não é o causador dos problemas, no entanto, é alvo de quem causou o problema”.

Voltando à fala desse meu aluno, ele queria dizer o oposto, não que o governo era o alvo, mas, sim, o causador dos problemas. A preposição ‘por’ melhor veicula esse sentido. Consideremos:

(13) São problemas causados **pelo** governo

Em (13), se for usada a preposição ‘por’, estamos falando que alguém é *responsável pelo problema*; a relação semântica que se estabelece no enunciado é a de *causar problema*, portanto, *ser responsável por ele*. Voltando ao contexto enunciativo, meu aluno estava falando sobre quem era o **responsável** pelos problemas que há no país dele; tem-se, então:

AI de '**por**': causar problema DC ser responsável por ele

É essa AI que me permite dizer: “o governo é quem causa os problemas, portanto, o responsável por eles”.

Outro caso que confunde muito os aprendizes é quanto ao uso de ‘para’ e ‘por’ relacionados ao tempo. Vejamos exemplos:

(14) Ela saiu **pela** manhã

(15) O bolo é **para** amanhã

Como explicar a diferença de sentido para um não nativo de português? Vejamos: se eu digo (14), refiro-me ao *turno* (período do dia) em que algo ocorreu (*tempo*), no caso, a ocorrência da saída de casa. Em decorrência disso, teríamos:

AI de ‘**pela**’: tempo DC turno

Já se falo que o bolo é para amanhã (15), significa que se tenho um *prazo* a cumprir: o de ser entregue na *data-limite*:

AI de ‘**para**’: tempo DC prazo-limite

Esses exemplos demonstram o quão complexo são o ensino e a aprendizagem de preposições, bem como sua importante função para a constituição do sentido. O que se buscou não foi esgotar as possibilidades de significação, mas destacar a relevância dessas entidades linguísticas para a constituição do sentido e a carência de estudos sobre o tema. Como Lenarduzzi (2012) disse, são necessários outros vieses, pois só o gramatical não basta. Apenas dizer que “para” e “por” se referem a movimento, conforme o viés gramatical, não é suficiente considerando a complexidade de aprender uma língua estrangeira.

Considerações finais

Esta pesquisa surgiu a partir da minha atuação como professora de português para estrangeiros e é fruto da minha tese de doutorado. Em aula, muitos estudantes apresentam dúvida sobre qual preposição usar, e, por vezes, trocam a preposição, o que compromete o sentido do que é dito, afetando a interlocução. Vale dizer que por mais que este estudo tenha como contexto discursivo estrangeiros, falantes nativos também apresentam dificuldades quanto ao uso da língua, logo, por ser um estudo que trabalha com uma perspectiva semântica, pode auxiliar tanto nativos quanto não nativos.

Dito isso, o estudo partiu do seguinte objetivo geral: objetivo: descrever e explicar a descrição das significações das preposições ‘para’ e ‘por’, a partir da Semântica Argumentativa, de Marion Carel e Oswald Ducrot, a fim de compreender os sentidos e usos dessas preposições no discurso.

Como vimos ao longo desta pesquisa, as preposições são complexas porque embora a significação se repita em alguns exemplos, apresentam mais de uma significação, pois “A significação **prevê** o papel de **somente alguns dos empregos das**

palavras” (Carel, 2017, p. 4). Ou seja, não prevê o papel de todos os empregos da palavra. A significação orienta para a constituição do sentido, e como demonstrado, por mais que as preposições evoquem mais de uma significação, elas se repetem, como é o caso de **‘pela’**: deslocamento DC percurso, que aparece tanto em (1) *Viajo pelo Senegal* ou (2) *“Vá pela calçada”*; que se diferencia de AI de **‘para’**: deslocamento DC destino, como em: (3) *Viajo para o Senegal* ou (6) *Volto para casa amanhã*.

Isso pode contribuir para o ensino de preposições para estrangeiros, pois ajuda a pensar na diferença de uso de uma preposição ou outra, mesmo em contextos enunciativos diferentes, com verbos diferentes, porque aborda o semântico, indo para além da classificação morfológica. Pensar, por exemplo, que tanto em (14) *Ela saiu pela manhã* quanto em (15) *O bolo é para amanhã*, as preposições evocam uma noção de tempo – porém, uma evoca tempo DC turno, como é o caso de (14), enquanto a outra evoca tempo DC prazo-limite, como em (15), pode contribuir para que os estudantes compreendam a diferença de sentido de cada preposição nesses contextos enunciativos.

Em sua teoria, Carel e Ducrot (2005) afirmam que só as palavras plenas têm argumentação interna, no entanto, creio que as preposições possuem uma AI associada ao enunciado/discurso, pois, a partir dos usos, conseguimos captar a significação, ou seja, as orientações para a escolha da palavra adequada que vai contribuir para a constituição do sentido que desejamos. E essa significação, como demonstrado, se repete em muitos casos.

De acordo com Carel (2017, p. 5): “A argumentação está na língua no sentido de que a significação fora de emprego contém diretamente indicações sobre as argumentações que poderão ser desenvolvidas no discurso quando do emprego das palavras”. A argumentação está na língua; as preposições são parte da língua, logo, a argumentação também as constitui a partir do uso, das ocorrências.

Descrever e explicar a AI das preposições é o primeiro passo para, em estudos futuros, pensar no ensino e na aprendizagem, assim como na transposição didática das preposições. Este é apenas o início de uma investigação.

Este estudo tem muito a contribuir com práticas pedagógicas, dado que demonstra uma maneira diferente de pensar a diferença entre ‘para’ e ‘por’ para contextos enunciativos em que ambas, conforme a gramática normativa, teriam valor de “movimento”. Além do mais, são necessários mais estudos com essas

mesmas preposições para explorar outras possibilidades de significação, assim como estudos envolvendo outras preposições, como ‘em’, ‘com’, ‘de’.

Referências

- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Português como língua não-materna: concepções e contexto de ensino. **Museu da Língua Portuguesa: Estação da Luz**, 2005. Disponível em: <http://museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/ENSINO-COMO-LINGUA-NAO-MATERNA.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2023.
- BARBISAN, Leci Borges. Semântica Argumentativa. In: FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO, Renato (org.). **Semântica, semânticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 19-30. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/4137/pdf/o?code=e+dL7oz1EJFWeQw+83b6ePH7WfERjoi+PEKaRvLMzn7iOuoLMt/joBTR5ioT/etlElQRo4zlqgqDnsn66zUS2xVA==>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- CAREL, Marion. Análise argumentativa do léxico: o exemplo da palavra ‘medo’. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p.26-35, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://f.hypotheses.org/wp-content/blogs.dir/4552/files/2019/03/An%C3%A1liseargumentativa-do-l%C3%A9xico.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.
- CAREL, Marion. Significação e argumentação. Tradução de Cristiane Dall Cortivo-Lebler. **Signo**, Santa Cruz do Sul. v. 42, n. 73, p.2-20, jan. 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/8579>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Cintra. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- DELANOY, Cláudio Primo. **Atitudes do locutor no discurso na perspectiva da teoria da argumentação na língua**. 2012. 154 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2071/1/441687.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2023.
- DUCROT, Oswald. Paráfrase. In: DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 343-344
- DUCROT, Oswald. Prefácio. In: VOGT, Carlos. **O intervalo semântico: contribuição para uma Teoria Semântica Argumentativa**. São Paulo: Ática, 1977. p. 11-20.
- DUCROT, Oswald. Enunciação. In: **Enciclopédia EINAUDI: linguagem-enunciação**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. V. 2, Linguagem-Enunciação.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. **Polifonía y argumentación**. Conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1990.

DUCROT, Oswald. Os internalizadores. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p.7-26,

set. 2002. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14221/9431>. Acesso em: 10 mar. 2024.

DUCROT, Oswald; CAREL, Marion. **La Semántica Argumentativa**: una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos. Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, jan./mar. 2009. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/5648/4116>. Acesso em: 8 out. 2020.

FLORES, Valdir et al. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

284 p. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1270/pdf#>.

Acesso em: 8 out. 2020.

GOMES, Lauro. **Discurso artístico e argumentação**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

226 p.

LA CALLE, Jose Folgar. El analisis de las preposiciones en español. **Verba**, 10, 1983, 183-201.

LENARDUZZI, René Julio. ¿De qué hablamos cuando hablamos de preposiciones?

Metalinguaggi e metatesti. In: CASSOL, A; GUARINO, A. MAPELLI, G. ; MATTE BON, F; Taravacci, P (ed.). **Lingua, letteratura e traduzione**, XXIV Congresso AISPI (Padova, 23-26 maggio 2007). Roma, AISPI Edizioni, 2012, p. 453-462.

MOREIRA, Marco Antonio. Aprendizagem significativa: um conceito subjacente.

Revista/Meaningful Learning Review, v. 1, n. 3, p. 25-46, 2011. Disponível em:

http://www.if.ufrgs.br/asr/artigos/Artigo_ID16/v1_n3_a2011.pdf. Acesso em: 25 jul. 2021.

XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena Mira (eds.). **Dicionário de termos**

linguísticos. 2 v. Lisboa: Edições Cosmos, 1990.